

RESENHAS/REVIEWS

Mary Pimentel DRUMONT*

DE PERSEVAL, G. D., org. – *Les sexes de l'homme*. Paris, Ed. du Seuil, 1985. 287p.

Les Sexes de L'homme é uma coletânea de textos organizada por uma psicanalista – Geneviève Delaisi de Perseval – estudiosa da sexualidade masculina e preocupada com as mudanças na identidade do homem. Para ela, com a descoberta, por biólogos, da esterilidade masculina, a equação virilidade/fertilidade levou um grande golpe.

Neste livro ela reúne estudiosos de várias áreas interessados no saber sexual masculino, tais como um historiador, um fisiologista, psicanalistas, um sexólogo bem como depoimentos de vivências hetero e homossexuais.

No primeiro texto, “Le temps des castrés”, Roger-Henri Guerrand coloca o conceito de sexualidade, *historicamente* forjado com o aparecimento da burguesia enquanto classe dominante. Fala da importância do saber médico, auxiliado pela Igreja católica na instauração da racionalidade burguesa, isto é, a prioridade do dinheiro e da propriedade privada na intimidade dos indivíduos como forma de garantir a ordem social através da sexualidade considerada perigosa e geradora de problemas incontroláveis. Deste modo, qualquer manifestação da sexualidade fora daquela definida pelos limites burgueses deveria ser severamente punida. O autor afirma, através de uma pergunta (p. 35), que tanto a mulher, mutilada em seu sexo (séc. XIX na Europa) pelo médico familiar, como seu companheiro, que no processo de socialização viu sempre a ereção como um fenômeno anormal, só podem formar um par de castrados.

Logo em seguida, temos dois *depoimentos*: o primeiro de Marc Chabot em “Esquisses pour un tableau de mes amours” e o segundo de Thomas Trahan em “De quelques homossexuels”.

No primeiro, o autor contesta através da vivência cotidiana heterossexual, a sexualidade masculina institucionalizada, isto é, aquela voltada unicamente para o coito. Destaca a importância do feminismo na medida em que o ajudou a sair de sua solidão e o

* Departamento de Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

fez crescer como homem. Diz, também, que viver as mudanças no relacionamento homem/mulher é fundamental e nisto um silêncio, um “não sei”, etc., sem que se identifiquem à ignorância ou a um fechamento em si mesmo, podem ser mais questionadores do que a simples troca de receitas discursivas do já visto. E para isto é importante se escutar e escutar o outro ao nível da sensibilidade como uma forma de aprendizagem de suas sexualidades.

No *segundo* discute-se uma espécie de amostragem homossexual, isto é, Thomas Trahan fala de vários tipos de relacionamento em diferentes classes sociais e com diferentes práticas sexuais. Para ele, o que o encanta na homossexualidade é a ternura e a cumplicidade entre os parceiros ainda que isto aconteça em encontros rápidos. Mas também existem relações duradouras, construídas no cotidiano, em que, além disto, o respeito mútuo prevalece. Há uma transformação na história erótica da homossexualidade onde esta prática visa também a criatividade. O “homossexual é alguém que no ônibus, no trem, no avião, no cinema, procura sentar-se ao lado de outro homem. E muitas coisas aí estão em jogo” (p. 64). Ele conta, entre outros, o caso de um homem casado que “caça” todos os dias no meio tempo entre a saída do trabalho e a volta para casa. Para ele, o autor, estas duas vidas fazem com que ele viva bem em família. Mas me pergunto, se este comportamento também não é comum ao daqueles homens casados que antes de chegarem em casa, caçam uma mulher, por exemplo, num bar, ou numa padaria do caminho, se “descontraem” na rua e assim podem “encarar mais tranquilamente a família?”

Em “Comment se fabrique un individu de sexe masculin et comment il fonctionne”, Jean Belaisch analisa do ponto de vista *fisiológico* como se produz uma criança do sexo masculino, seu funcionamento, suas etapas de desenvolvimento, etc. O esquema clássico do ato sexual masculino, ereção-ejaculação-descarga-gozo também é estudado neste texto, ou seja, como se passa esta transformação do órgão sexual masculino, suas reações com o sistema nervoso, as diferentes causas de excitação masculina, a influência da carga hormonal, as disfunções de origem orgânica ou psíquica e sua relação com a impotência. Ele discute as inquietações masculinas, como por exemplo, a ejaculação precoce e as possibilidades da intervenção médica.

Do ponto de vista psicanalítico, temos quatro textos diferentes (baseados na experiência clínica), abordando a sexualidade masculina e relacionados à situação de identidade do homem.

O *primeiro*, de Agnès Oppenheimer, é “La sexualité masculine ou comment s’en débarrasser, réflexions sur la sexualité masculine à partir du transsexualisme”. Para a autora, o homem que se transforma em transsexual recusa assumir sua (*maleness*) virilidade/macheza e a masculinidade (atitudes psicológicas); recusa esta bem mais forte que o desejo de se tornar mulher e que tem como consequência a supressão de sua sexualidade. “A satisfação do transsexual reside, em primeiro lugar, na afirmação deste como mulher e no reconhecimento deste fato pelo outro” (p.127). Esta transformação física lhe alivia os conflitos surgidos em termos de identificação com as imagens

paternas. E a sexualidade masculina no transsexual é vivida por procuração, isto é, enquanto mulher, ele é capaz de compreender o desejo sexual do homem que tanto lhe ameaçava e com o qual ele agora pode conviver, é como um espelho.

O *segundo* texto do ponto de vista psicanalítico intitula-se “Masculin, féminin, neutre ou les avatars de l’imaginaire”, de Jacques Durandeaux. Sua preocupação central é descobrir uma especificidade nos discursos masculino e feminino. Do lado feminino, segundo o autor, existem reivindicações, teses e um militantismo, enquanto do outro lado, o homem vive uma situação adquirida, herdada e falsa, é um faz de conta. A sua sexualidade está presa a um imaginário tão “preciso” que quando esta precisão, isto é, os detalhes falham seu desejo pára e ele não consegue trepar ou ter tesão. Homens e mulheres se cruzam com demandas diferentes, não é um encontro, mas para o autor pode se tornar uma relação enriquecedora na medida em que as mulheres falem com sua própria linguagem. Os depoimentos estudados por este pesquisador revelam que nas relações homem/mulher, o homem tem muito medo de não ser potente enquanto a mulher tem medo de não ser desejada ou solicitada. Para o autor, há metáforas que se relacionam ao coito e que mostram dois significados culturais diferentes: um, penetrar, ligado ao indeterminado e próprio da cultura ocidental; o outro, encher, completar, implicando finitude. Estas metáforas indicam, também, possibilidades de discursos diferentes em relação a cada sexualidade.

O *terceiro* texto, “De la perversion”, de Patrick Valas. O psicanalista parte da noção de falo em Lacan, que o situa ao nível do discurso e não o vê como originando-se naturalmente do pênis. Trata-se de um significante de uma diferença, uma lei que se impõe ao sujeito e o faz reconhecer-se, seja como homem, isto é, tendo um falo, ou como uma mulher, isto é, não tendo o equivalente. O autor diz que a grande maioria das crianças quando descobre a ausência do pênis na mãe, não mais lhe atribuem o falo imaginário de seus primeiros jogos; outras, diante do horror que suscita esta descoberta e o medo de serem castradas, não admitem esta realidade, evitando assim a angústia da castração. Então passam a ver sua mãe como a “mãe fálica”. E é nesta parada sobre esta imagem recalcada no inconsciente que se encontraria a origem da perversão adulta. Sua hipótese é de que a perversão é quase que exclusivamente masculina, justamente porque a incidência da lei (do incesto) introduz o sujeito na ordem do discurso. Mas homem e mulher são colocados diferentemente nesta lei. A mulher tem menos necessidade de negar esta lei porque sua sexualidade se estenderia a todo seu corpo e não se limitaria ao clitóris, enquanto no homem, seu gozo estaria limitado e localizado no órgão, o que o faz não aceitar as limitações impostas por esta lei. Do ponto de vista fenomenológico, seria difícil distinguir a perversão da neurose, pois, no cotidiano, constata-se que todos têm este tipo de fantasma e é a maneira como se realiza este fantasma na vida sexual que distingue as estruturas da neurose e da perversão.

“Obsessionnellement vôtre”, *quarto* texto – Raphaël Brossart. Este psicanalista discute com um colega, a partir de um caso clínico, a situação da neurose obsessiva na população masculina. Para ele, a obsessão enquanto neurose é mais comum do que se

pensa. O obsessivo seria “um envenenado pela luta incessante contra suas pulsões que ele considera más... e que lhe lembram inevitavelmente o aspecto ‘animal’ da sexualidade” (p.205). No obsessivo, há uma impossibilidade torturante de realização das coisas, (ordem, dívida, etc.) a realidade do “fantasma” é mais forte (p. 209).

“*Sexologia*”, mesa-redonda em que participam, além dos estudiosos vistos anteriormente, dois leigos e um sexólogo, Jacques Waynberg. Este último atende, em geral, demandas de homens que sofrem com a situação de ejaculação precoce, impotência, falta de desejo sexual e outras inquietações. Para ele, atualmente, pode-se falar de uma miséria sexual masculina, como se falava antigamente, por exemplo, na frigidez feminina. Conhece-se muito pouco ou quase nada sobre a ereção, e não se pode falar do orgasmo masculino só em termos biológicos. A ejaculação precoce é, antes de tudo, um problema de comunicação erótica, mas fundado sobre um problema concreto de não aprendizagem de controle voluntário de excitação sexual. A esterilidade masculina levou a se pensar em novas formas de sexualidade, em novas vivências de paternidade. Para ele é importante trabalhar com um modelo antropológico que se afaste dos modelos médicos convencionais.